

O Público e o Privado

“O espetáculo é a tentativa de organização mais que perfeita das relações que se estabelecem entre o público e o privado”

I

O que é público no espetáculo? É o que interessa a todos e contribui generosamente para a coletividade, embora às vezes com sacrifícios do privado.

Que por sua vez representa os interesses do indivíduo, suas necessidades e sua subjetividade que deverão ser gratificadas o suficiente para mantê-lo na coletividade prazerosamente, mas que ao mesmo tempo deverão ser contrariadas sempre que excederem os limites necessários para manutenção de uma organização coletiva.

Assim o espetáculo será sempre a busca da harmonia perfeita para a realização do sonho humano de recuperação do paraíso.

O espetáculo é o paraíso perdido, o possível equilíbrio final das forças que representam os interesses coletivos e os interesses privados. O espetáculo é a Utopia representada. Podemos nunca chegar a ela, mas sua busca incessante nos qualifica e nos engrandece para a busca de melhores formas de convivência humana.

O Teatro desenvolve no indivíduo o sentimento de coletividade e dá ao coletivo a medida da importância de um indivíduo bem desenvolvido.

Não há coletividade forte sem indivíduos fortes, e nem individualidades livres e fortes sem coletividade bem desenvolvida. Os atores são cidadãos livres que representam com clareza os papéis que a eles foram confiados. Na medida em que esta representação atenda às necessidades pessoais destes atores, ela deverá atender também às necessidades coletivas do espetáculo.

O que sobra ou excede do coletivo prejudica o ator e o espetáculo, e também o que sobeja do indivíduo desequilibra o coletivo e coloca o Ator numa área de frequência afetiva que o isola de sua coletividade produzindo um desequilíbrio nas estruturas afetivas internas da complexa organização espetacular.

O espetáculo é uma perfeição a ser atingida. É um ideal de organização superior. É o espetáculo que organiza e reorganiza o mundo, dando ao ser humano a possibilidade de visitar o melhor de si mesmo e olhar o mundo pelas janelas da esperança. Um minuto da Utopia do espetáculo significa uma dose imensurável de esperança injetada nas veias, corações e mentes de quem o vê e de quem o faz.

Assim o potencial pedagógico do espetáculo se revela com toda a sua força, e sua função social começa a ficar mais nítida e começamos a recuperar, talvez, o significado ancestral desta forma de expressão e relacionamento.

A recuperação desta ancestralidade é que pode dar ao Teatro nestes tempos modernos seu sentido de contemporaneidade. O moderno já não explica. O moderno nasce velho. Só a consciência de nossa existência no planeta pode nos dar algum sentido de contemporaneidade e nos abrir caminho para o futuro. O homem que quer ser moderno perde contato com o eterno. Como dizia Carlos Drummond de Andrade “Cansei de ser moderno, agora eu quero ser eterno”. Ele e a poesia, e as artes.

A necessidade de nos unirmos e juntos nos manifestarmos através, de danças e ritmos, ritos, palavras, cantos e imagens, nossa fraqueza e nossa busca de moradas superiores de nossas almas, para ali entrarmos em contato com as divindades que nos darão o alimento e a proteção para suprir a insegurança que se instalou nos homens desde que perdemos o paraíso, ou desde que, começamos a sonhar com ele, determina esta forma de organização superior. O alimento agora não nos vem mais gratuitamente. Será preciso ganhar o pão com o suor de nossos rostos.

Por isso voltamos aos deuses que nos expulsaram do paraíso e da bem aventurança.

Somos agrários, vivemos em sociedade e sonhamos com um jeito de nos organizarmos socialmente de maneira que todas as nossas necessidades, individuais ou coletivas, possam ser igualmente atendidas.

A simples montagem e ensaio de um espetáculo nos obriga a enfrentar todas estas questões.

II

Arte é obra pública feita por particular, pressupõe a entrega do melhor de nós mesmos para consumo de coletividade. Só podemos fazer isto com nossos melhores sentimentos, mesmo que seja para falarmos dos piores sentimentos humanos e suas contradições.

Fazer teatro, fazer música, cantar, dançar, pintar, fazer arte significa se educar e reeducar no momento mesmo de sua execução ou partilhamento. Todos nós somos capazes e precisamos disso. Não se trata apenas de algumas pessoas bem preparadas pra isso, mas de todos os seres humanos. Todos nós somos capazes de alguma forma de nos manifestarmos expressiva ou artisticamente. Fazer arte, ser criativo faz parte da natureza humana e por isso todos nós, seres humanos, somos capazes e precisamos exercer esta nossa possibilidade. O ser humano que não vive sua criatividade inevitavelmente adoece.

Ao contrário, fazer arte pode ser também a faculdade de pronto reestabelecimento ou possibilidade de cura, a possibilidade de cuidarmos da nossa saúde; de sua natureza vem sua possibilidade terapêutica.

“O que dentro de ti te mata, fora de ti te salva”.

Jesus Cristo

III

Caberá a Gestão Pública criar políticas de estímulo à produção, manutenção e circulação de espetáculos de natureza pública, por opção explícita de seus produtores e ou criadores, e que tenha o espaço aberto como seu lugar de apresentação, sem cobrança antecipada de ingresso.

“Passar o Chapéu” tem sido a forma milenar de um Artista de Rua pedir alguma renumeração pelo seu trabalho, que possa prover sua subsistência e melhorar sua apresentação.

No entanto só poucos destes artistas conseguem retirar do chapéu quantia suficiente para mantê-los. Embora haja alguns que consigam sobreviver de sua atividade, andando por vários centros urbanos, poucos são os que sobrevivem. Tão poucos que podem ser contados nos dedos.

São artistas, sobreviventes ou não, naturalmente nascidos, crescidos e desenvolvidos nas ruas, como qualquer camelô, e muitas vezes atuando como dublê de ator e vendedor eles mesmos. Tem técnicas e recursos que lhes garantem alguns resultados positivos. São possuidores de um saber milenar que os conduz.

Mas só “chapéu popular” não lhes garante a sobrevivência, nem lhes permite crescer e avançar em suas artes e seu saber. E com isso as artes de Rua não avançam nem evoluem.

IV

A situação começa a se modificar a partir do início da década de 80, quando, quase simultaneamente e aparentemente sem nenhum contato, artistas provenientes das classes médias e dos espaços fechados estendem suas atividades culturais aos espaços abertos das cidades. De três ou quatro grupos de Teatro existentes no Brasil no início daquela década passamos para centenas de

coletivos na primeira década do 3º milênio. O crescimento é concreto e real, movido pelas circunstâncias históricas e pela transformação perversa do produto cultural em produto submetido às regras do mercado.

Embora poucos destes artistas tivessem uma preocupação política ao fazê-lo, o ato mesmo de tirar esta arte dos espaços fechados e privatizados das elites ou classes patrocinadoras, eram em si uma atitude política. Caminhavam em sentido contrário ao sentimento privado das classes dominantes e transgrediam as ordenações vigentes, criando uma realidade diferente e capaz de lançar novas questões a respeito do Teatro e sua contemporaneidade, além de agredir a própria ordem social estabelecida.

Organizados em grupos, estes artistas criaram coletivos de trabalho que levaram adiante as questões a respeito de ética e uma estética para as Artes de Rua ou dos espaços abertos.

V

Para estes Grupos, no Brasil, também não havia dinheiro, como para os artistas nascidos nas ruas e das ruas. E, embora alguns se esforçassem por manter a tradição de “passar o chapéu”, a precariedade dos recursos obtidos, que mal mantém um artista solo, era total para os Grupos.

Qual o “chapéu” que poderia manter viva a esperança de sobrevivência destes Grupos ou Artistas?

Movidos por um impulso histórico irresistível, estes coletivos avançam e crescem sem nenhum estímulo, artístico ou financeiro.

De atividade culturalmente “insignificante” em 80 passa este movimento a ter reconhecimento maior, e hoje não há Festival de Teatro que não tenha espetáculos de rua em sua programação, e há certos Festivais voltados apenas para o Teatro de Rua.

Assim a venda de alguns espetáculos ou convites para Festivais passaram a ser o “chapéu” destinado a recolher o dinheiro para sua montagem, sobrevivência e manutenção.

Ainda incipiente, mas ainda assim um chapéu!!!

VI

Depois vieram os Editais. As moedas de maior valor começam a cair no “chapéu” dos artistas de rua, mas ainda assim de maneira seletiva e ideológica, sempre com pré-juízo a respeito do valor destas atividades, além de deixar de fora inúmeros artistas ou trabalhos que não tinham e nem tem como encaixar nos ditames “rigorosos” dos Editais, além do que a contribuição para seu “chapéu” é infinitamente menor do que a depositada no “chapéu” das “artes respeitáveis” dos espaços fechados.

Mas qual será o “chapéu” das Artes Públicas? O que existe pensado a este respeito? Há alguma tradição neste sentido?

“Chapéu Público”? “Chapéu Privado”?

“Chapéu” passado antes dos espetáculos?

“Chapéu” passado depois dos espetáculos?

“Chapéu anterior” e “Chapéu posterior”?

“Chapéu Popular”? O antigo e o verdadeiro?

Não poderia chegar o dia em que a própria cidade, sem intermediação, faria o depósito de sua contribuição no chapéu do artista que ela reconhece como merecedor? Cada cidadão contribuindo para que aquele artista, não precise trabalhar para ganhar o dinheiro e possa se dedicar a fazer aquilo que mais gosta, que é sua arte, que ao mesmo tempo melhora a cidade e o cidadão?

HOMO LUDENS

De qualquer maneira a idéia do **“Chapéu”** deverá ser mantida em sua essência, para que seja garantida e estimulada a existência do **“Vagabundo”**, aquele que não faz nada por dinheiro ou até mesmo não sabe como ganhar dinheiro, interessado que estar em viver outras possibilidades humanas. O **“Artista”** ou **“Vagabundo”** na visão pragmática da sociedade burguesa capitalista, onde só vale dinheiro o que rende dinheiro. Mas que reconhecido como necessário pode trazer dentro dele uma possibilidade nova para a construção de um novo mundo, diferente deste em vias de extinção; igual a este nascendo.